

Pentecostalismo e alteridade: a demonização do outro no discurso da Assembléia de Deus

Andréia Mendes de Souza Mina*

Resumo

É marcante a crescente atuação do Movimento Pentecostal, e seus desdobramentos, no campo religioso brasileiro. A Igreja Evangélica Assembléia de Deus, inserida nesse contexto, vai apresentar determinadas posições discursivas que vão basear sua visão de mundo caracteristicamente espiritualista. Na construção de um “outro”, a postura assembleiana, influenciada por uma identidade pentecostal, apresentará elementos que interpretarão o “mundo” como um espaço atrativo para atuações demoníacas e como algo que necessita de uma mensagem regeneradora.

Palavras-chave: Pentecostalismo – Assembléia de Deus – Discurso religioso – Demonização

Abstract

It is remarkable the increasing of Pentecost Movement, and its unfound in Brazilian religious field. The Evangelic Church – God Assembly, inserted in this context, presents certain discursive positions that are going to base its world view characteristically spiritualist. In the construction of na “other”, the assembly posture, influenced by a Pentecost identity will present elements that will interpret the “world” as an attractive space for demoniac actions, and how something that needs a regenerated message.

Keywords: Pentecostalism – God Assembly – Religious Discourse - Demoniac

A Assembléia de Deus e o Mercado religioso brasileiro:

O lugar de proeminência do fenômeno religioso na atualidade contradiz o caráter periférico com que os saberes modernos prognosticaram o futuro da religião¹. Nesse lugar de redefinição da importância do estudo da religião, o Pentecostalismo, e a AD² como uma de suas representantes, ocupam um lugar representativo em um “campo” religioso brasileiro.

A noção de campo (Bourdieu) torna-se indispensável para reconhecermos a dinâmica complexa que envolve atualmente os assuntos ligados à religiosidade. Bourdieu entende a religião como um sistema de produção simbólica, um campo específico de significações com um determinado referencial teórico³. O campo religioso constituir-se-ia, então, em um espaço de lutas por um poder simbólico⁴, onde vozes precisam deter um certo “capital simbólico”(religioso) para serem reconhecidas:

Em função de sua posição na estrutura da distribuição do capital de autoridade propriamente religiosa, as diferentes instâncias religiosas, indivíduos ou instituições, podem lançar mão do capital religioso na concorrência pelo monopólio da gestão dos bens de salvação e do exercício legítimo do poder religioso enquanto poder de modificar em bases duradouras as representações e as práticas dos leigos, inculcando-lhes um habitus religioso, princípio gerador de todos os pensamentos, percepções

* Mestranda do Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Prof. Dr. Artur César Isaia. Órgão Financiador: CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

e ações, segundo as normas de uma representação religiosa do mundo natural e sobrenatural, ou seja, objetivamente ajustados aos princípios de uma visão política do mundo social.⁵

A idéia de capital simbólico na religião, leva a pensar em um mercado religioso permeado por demandas e ofertas. O mercado religioso brasileiro é um exemplo de como figuram-se embates na busca por uma voz eficaz na performatividade do discurso religioso. Essa noção de mercado, encontrada em Sanchis (baseado em Bourdieu), refere-se, de início, à pós-modernidade e aos pluralismos reinantes nela (social e religioso), que dão condições para que as pessoas construam seus próprios sentidos para o que entendem ser religião. Em decorrência dessa variedade de significados para o transcendente, as pessoas voltam-se ao que melhor se insere na sua busca pelo religioso. O que acontece no campo religioso, atualmente, é essa situação de mercado. Esta é caracterizada pela possibilidade de livre trânsito por várias denominações e denota a existência de múltiplas ofertas, em uma situação de “mercado” religioso. As denominações constroem projetos de identidades, que interpelam os sujeitos inseridos no mercado de bens culturais. Isso leva-os a escolhas, composições, “trânsitos”⁶. No mercado religioso brasileiro não é diferente. Temos inúmeros agentes produtores de bens simbólicos ligados à religião. Nesse mercado, a margem para a livre negociação com todos esses produtores de significados é ampla.

A AD, no campo religioso brasileiro, não tem mais as mesmas possibilidades de sucesso como nos primórdios de sua inserção no Brasil. A concorrência com todas as formas de bricolagem⁷ possíveis, e o aparecimento constante de novos grupos pentecostais têm feito a AD ver seu espaço de ação restrito a tantas ofertas. Um engajamento religioso é necessário para a AD, que condena os trânsitos entre uma denominação e outra. Mas temos observado algum esboço de aproximação entre diferentes grupos confessionais no Brasil, decorrentes da competição no campo religioso brasileiro. Na AD encontramos um indicativo de diálogo com outras denominações de movimentos que não somente os do Pentecostalismo. Aproximação não nos elementos doutrinários, mas no objetivo de combater determinadas formas de religiosidade que encontram espaços consideráveis de aceitação no Brasil. Isso é verificável na associação da AD com outras igrejas, na publicação de uma revista direcionada principalmente a discussões sobre os mais variados temas ligados às diferentes vivências religiosas por todo o mundo⁸.

A construção do outro: o discurso anti-ecumênico:

A maneira de conceber o mundo e a visão que os assembleianos têm para si de outras instituições produtoras de significados religiosos são permeadas por fatores identitários que articulam a vida e o modo de pensar do fiel, em todas as instâncias. Assim, a construção da identidade pentecostal: “...demarca os campos e define uma adesão exclusiva. A opção é de um Sujeito, que assume uma identidade única, identidade que repercute na totalidade de uma orientação existencial, que ela organiza.”⁹

A AD, sendo representante do Pentecostalismo, apresenta particularidades na sua definição do que é ser “crente”. Estudos foram feitos sobre a maneira como se dá a construção de uma identidade e de visão de mundo dentro do Pentecostalismo e nas Assembléias de Deus¹⁰. Eles nos apontam diversos aspectos que ajudam no entendimento de como o assembleiano reconhece a si mesmo, a igreja e o espaço extra-religioso no qual convive com outras pessoas.

As experiências que envolvem os fiéis inseridos na AD contribuem para que ela e seus ensinamentos sejam o referencial da idéia de concepção de mundo que os

assembleianos adotam para si. Cabe ressaltar sobre a visão de mundo produzida em instituições como a AD:

... visão de mundo é uma representação mental. No plano da religião, é uma representação intelectual religiosa do mundo e da sociedade. Não é uma espécie de espelho onde se reproduzem as realidades tais quais se acham diante dele. Não é retrato mental de crenças. Com estas não se identifica. Não é pois sinônimo de crenças. É verdade que nelas se enraíza, mas não se assemelha a nenhuma crença. Tem por função orientar os adeptos de determinado credo nas ações que realizam no seu meio natural social. Por outro lado, mundo não significa o cosmo físico, mas a relação entre natureza e homem vivendo em sua sociedade.¹¹

Um fator de grande importância marca o início da identidade pentecostal: é a conversão. A partir do momento que uma pessoa passa por essa experiência, já é considerada como alguém que deve ser, por excelência, diferente, porque agora sua vida toma outro rumo:

A experiência da conversão marca o início de uma nova vida onde o passado é renegado e a opção exclusiva por ser crente implica 'viver como um crente'. A valorização negativa do passado em contrapartida com a valorização positiva do presente leva cada um dos escolhidos a realizar sua identidade religiosa no outro, naquele que teve a mesma experiência de conversão e que optou pelo mesmo 'caminho estreito'.¹²

Os assembleianos enfatizam na formação de suas identidades o aspecto característico de diferenciação que mantêm em relação ao "mundo"¹³ por terem escolhido o "caminho estreito", visando alcançar a salvação e a graça divina. Consideram o caminho do "mundo" sem perspectivas, fatal. Igreja e "mundo": o distanciamento entre essas duas ordens simbólicas é predominante entre os pentecostais brasileiros¹⁴. Cecília Mariz, falando sobre o aspecto identitário desse movimento, sinaliza pontos que servem de sustentação para as práticas e discursos particulares que observamos na AD:

Diversos autores observaram entre os pentecostais um forte sentimento de dignidade (Bobsin, 1984; Novaes, 1985; ROLIM, 1985) [...] A ênfase nos dons espirituais em oposição à riqueza material seria uma dessas estratégias [...] Outra estratégia que observei é o empenho dos pentecostais em construir uma identidade de pessoa decente ou 'gente de bem'. O cuidado zeloso dos pentecostais com sua aparência, sua forma de vestir, de se vestir, de se comportar em público se relaciona com seu desejo de construir uma nova identidade que busca reforçar a auto-estima.¹⁵

Essas novas relações, então, implicam uma série de novos sentidos para a vida do convertido. Tendo experimentado uma noção de dignidade e apropriação de um poder que se revela "divino" e "supremo", o assembleiano vê o "mundo" como necessitando de conversão. Os habitantes do "mundo" estão inseridos em uma cegueira espiritual, perdidos. Por acreditarem num plano divino¹⁶, redentor da humanidade e que rege suas vidas, os assembleianos empenham-se em mostrar para todos os benefícios de ser "crente". Ou seja, esforçam-se por trazer para o espaço público um sinal identitário de sua conversão.

Feitas as observações acerca das visões de mundo e identidades encontradas na AD, a análise sobre a visão do "outro", representado aqui por outras instituições religiosas, fica facilitada. Na busca por uma identidade que os caracterize e os valorize, os assembleianos conferem à sua realidade uma dimensão de sociabilidade que remete à atuação constante do sobrenatural e das novas regras de moral que devem seguir, segundo a interpretação bíblica aplicada aí.

Um dos aspectos que veremos bem presente no corpo doutrinário da AD é o anti-ecumenismo. Na construção desse discurso, observaremos tentativas de criação de sentidos à realidade religiosa brasileira. Nesse empenho, a AD vai creditar determinadas qualidades às outras instâncias religiosas, também produtoras de bens simbólicos, e, portanto, também construtoras de uma realidade. Essas imagens impedem uma aproximação entre o movimento pentecostal e evangélicos em geral, com certas denominações e movimentos de natureza religiosa.

No estudo dessa elaboração de sentidos, uma série de dispositivos teóricos são necessários. Como a discussão envolve os efeitos produzidos no empreendimento de construção de um outro, a recorrência aos conceitos de discurso e imaginário é indispensável. Por imaginário entenderemos um processo de construção e interpretação de valores que dão sentido de unidade significativa à coletividade. Ele atua de forma eficaz em fazer parecer natural os fenômenos que nomeiam o cotidiano das pessoas, em todos os seus aspectos¹⁷. No que diz respeito ao discurso tomamos como base os estudos de Eni P. Orlandi¹⁸. Na pesquisa sobre o nosso tema utilizaremos seu direcionamento teórico para a fundamentação de que o discurso religioso tem características autoritárias. Isso porque, segundo os estudos de Orlandi, a relação de interlocução (a capacidade de locutor e ouvinte alternarem o seu lugar) no discurso religioso não ocorre, ou ocorre o que chamamos de “ilusão de reversibilidade”:

No discurso autoritário (como o religioso), o referente está ‘ausente’, oculto pelo dizer; não há realmente interlocutores, mas um agente exclusivo, o que resulta na polissemia contida (o exagero é a ordem no sentido em que se diz ‘isso é uma ordem’, em que o sujeito passa a instrumento de comando).¹⁹

No discurso religioso não há na realidade interlocutores, antes já existe uma fala de determinado interlocutor (Deus e aqueles que por ele falam) que comanda essa relação. Daí decorre a não reversibilidade, a anulação da capacidade dialógica no discurso religioso para Orlandi. Para a autora, algo precisa manter esse discurso autoritário: é o que ela denomina de ilusão de reversibilidade. Essa dá a impressão de o discurso religioso não ser tão autoritário assim e se manifesta sob várias formas (oração, fé, os milagres, mecanismos que dão a ilusão de uma relação dialógica)²⁰. Aplicando esses conceitos à AD observaremos como ela, nas suas formações discursivas, está impregnada de autoritarismo, e como isso influi nas representações que são passadas à congregação dos fiéis.

O discurso da AD, no esforço anti-ecumênico que apresenta, é desenvolvido e veiculado por diversas vias. Temos acesso a livros de divulgação doutrinária²¹ da referida igreja, além de duas revistas dedicadas a estudos teológicos de outras denominações.²² A AD tem sua própria editora, a CPAD (Casa Publicadora das Assembléias de Deus).

Nos livros, as instituições religiosas da qual falam os autores são, desde o título, qualificadas como seitas, ou heresias, significando, do ponto de vista cristão, o abandono da verdade²³. Além disso, o dispositivo interpretativo da demonização também é recorrente entre os autores:

Entre as muitas razões para o surgimento de seitas falsas no mundo, hoje, destacam-se as seguintes:

1. A ação diabólica no mundo (2 Co 4.4).
2. A ação diabólica contra a igreja (Mt 13.25).
3. A ação diabólica contra a Palavra de Deus (Mt 13.19)
4. O descuido da Igreja em pregar o Evangelho completo (Mt 13.25).
5. A falsa hermenêutica (2 Pe 3.16).
6. A falta de conhecimento da verdade bíblica (1 Tm 2.4).
7. A falta de maturidade espiritual (Ef. 4.14).²⁴

Ainda, outro autor, referindo-se à Umbanda, escreve:

Para muita gente, pode parecer dura esta afirmação, mas não podemos deixar de denunciar aos próprios umbandistas as artimanhas que o Diabo utiliza, a fim de mantê-los no engano. [...] O inimigo de nossas almas tem inspirado os doutrinadores da umbanda a afirmarem em seus livros, e durante as sessões doutrinárias, que Deus não precisa ser diretamente cultuado.²⁵

Nesse universo simbólico, a idéia da demonização é utilizada para formar os limites de ilegitimidade do “outro” que é construído. Dubois ressalta que uma possibilidade de apreensão do imaginário dá-se através da “infusão de fantasmas dentro do discurso, que cultivam a função referencial e revelam de fato estruturas imaginárias e um sujeito cultural.”²⁶ Ou ainda em Rodeghero que, apoiada em Chartier (apud Burguière, 1993:407), diz que a imagem do demônio utilizada para qualificar qualquer “perigo” é altamente decifrável em determinadas comunidades por estar essa imagem incluída e difundida pelo cristianismo²⁷.

Os livros que discutem sobre o que é qualificado como “seita”, expressam a preocupação da AD frente à inclusão crescente de valores religiosos que fogem aos preceitos bíblicos adotados por ela. Entre as abordagens encontradas nessa literatura, encontramos referência aos seguintes setores da religiosidade brasileira: Catolicismo²⁸, Espiritismo, Adventismo do 7º dia, as Testemunhas de Jeová, Racionalismo Cristão, Mormonismo, Seicho-no-iê, etc.

Também em uma revista já citada²⁹, podem ser observados apontamentos que remetem à idéia do anti-ecumenismo. A revista é interdenominacional, e a AD está incluída entre as igrejas participantes. A publicação é toda direcionada para pesquisas envolvendo discussões doutrinárias sobre outras denominações e movimentos que, de alguma forma, não se encaixam na declaração doutrinária do periódico, sempre exposta nas primeiras páginas. Entre os vários tópicos desta declaração, destacamos:

Creemos que:

1. As Escritura Sagradas, compostas do Antigo e Novo Testamentos, são inteiramente inspiradas por Deus, infalíveis na sua composição original e completamente dignas de confiança em quaisquer áreas que venham a se expressar, sendo também a autoridade final e suprema de fé e conduta;
2. Há um só Deus eterno, poderoso e perfeito, distinto em sua trindade: Pai, Filho e Espírito Santo;
3. Jesus Cristo nasceu do Espírito Santo e da virgem Maria, sendo verdadeiro deus e verdadeiro Homem e o único mediador entre Deus e o homem. Somente Ele foi perfeito em natureza, ensino e obediência;
6. A salvação eterna, dom de Deus, tem sido providenciada para o homem unicamente pela graça do Senhor e pela morte vicária de Cristo Jesus. Fé é o meio pelo qual o crente se apropria dos benefícios da salvação da Sua morte;
7. A punição eterna, incluindo a separação e perda de comunhão com Deus, é o destino final do homem não regenerado e Satanás com todos os seus anjos;
10. A tarefa da Igreja é ensinar a todas as nações, fazendo com que o Evangelho produza frutos em cada aspecto da vida e do pensamento. A missão suprema da Igreja é a salvação das almas. Deus transforma a natureza humana, tornando-se isto, então, o meio para a redenção da sociedade.³⁰

Chama a atenção um artigo publicado em abril de 2000. Nessa edição, o título da capa foi: “Ecumenismo – quando a união representa um risco”. Aqui é discutida a questão da proposta ecumênica defendida pela Igreja Católica. O autor Eloy Melonio fala, inicialmente, sobre a questão ecumenismo:

Como não querer andar com pessoas que têm o mesmo Deus?

Assim, ecumenismo é um assunto fascinante e desafiador. Sabemos que discutir a questão ecumênica requer, antes de tudo, despir-se de preconceitos ou qualquer outro tipo de resistência. Mas acima de tudo, precisamos ser sinceros e claros em nossas convicções e posições.³¹

Ou seja, apesar de saber que se trata de um assunto delicado, o autor é militante, como a maioria dos evangélicos³², nas suas posições e crenças, sempre refutadas biblicamente. Sinal dessa característica encontramos mais à frente:

‘Que harmonia [pode haver] entre Cristo e o Maligno? Ou que união, do crente com o incrédulo?’ (2 Co 6.15)

Quem será a autoridade final em assuntos doutrinários no ecumenismo, uma vez que, imagina-se, católicos romanos e evangélicos podem um dia estar, não necessariamente unificados, mas pelo menos, ‘andando juntos’? Para o evangélico, a Bíblia é a única autoridade. Para o católico romano, nem tanto, porque este aceita outras fontes com força autoritária igual ou superior à Bíblia.³³

Estando sob a influência desse arcabouço de idéias, a realidade que os assembleianos constroem para si está comprometida com a relação pontuada pelo estranhamento que têm mediante o “outro” aqui representado por outras religiões. Nilda Teves elucida algo que ilustra bem o conjunto complexo de itens que envolvem a análise de um campo imaginário sobre determinado objeto de estudo:

Investigar, pois, uma realidade social, pressupõe contar com um conjunto coordenado de representações, uma estrutura de sentidos, significados que circulem entre seus membros, mediante diferentes formas de linguagem: esse conjunto é o imaginário social, como o quadro cultural que matricia a produção imaginativa do grupo.³⁴

Ainda Baczko, na sua discussão sobre o imaginário social, coloca que o imaginário, quando faz parte de determinado conjunto de idéias coletivamente aceitas, facilita de forma decisiva na adesão e naturalização de uma série de esquemas valorativos³⁵. O controle sobre esses mecanismos imaginários assegura real influência sobre comportamentos e atividades nos mais variados níveis da vida social. Na AD essas facetas observadas na idéia de imaginário, complexas entre si, vão estar presentes e são fundamentais para entendermos o universo simbólico que permeia as representações sobre as outras denominações.

Mundo, demônios, prescrições e interditos:

Já discutimos anteriormente a interpretação que ganha a palavra “mundo” para o universo assembleiano. Os espaços sociais alheios aos parâmetros bíblicos de fé, regra e moral, são considerados, pela AD, como instâncias regidas por forças malignas. Esse ponto discursivo da AD reforça a forte oposição, sempre presente no Pentecostalismo, entre o bem e o mal. Souza, falando brevemente sobre as diferenças entre igrejas históricas e pentecostais, coloca:

Modernamente, as igrejas históricas têm-se preocupado com os aspectos sociais da religião, seu comprometimento com o próximo e as transformações da sociedade, o que vai de encontro ao Pentecostalismo, que apregoa um Evangelho puramente espiritualista; se tudo ocorre na esfera espiritual, todo e qualquer conflito acontece em função do Bem e do Mal, de Deus e do Diabo.³⁶

Partilhando dessa visão altamente espiritualista de mundo, os fiéis da AD adotam uma postura de rejeição ao mesmo³⁷. Este é concebido como um espaço atrativo para as forças diabólicas³⁸.

Nesse pensamento de manter seguras distâncias em relação ao mundo, o corpo doutrinário da AD prescreve determinadas normas que guiam o fiel para um comportamento diferenciado na sociedade: “Desde já, o ‘estilo pentecostal’ marca diacriticamente com sua presença o clima cultura popular, tanto da casa quanto da rua”³⁹.

Nessa questão entra a força que exerce no fiel a identidade pentecostal. Na AD essa identidade é construída a partir de algumas particularidades morais e de costumes, que estão inseridas no que acreditam ser uma boa ética cristã, ou ainda, uma ética assembleiana. Para esses fiéis uma “ética divina” transformaria sobrenaturalmente os homens que se encontram perdidos no “mundo”⁴⁰.

Vários encaminhamentos, portanto, são dados pelas lideranças da AD aos fiéis sobre a conduta assembleiana no mundo social mais amplo. Inúmeras questões são colocadas. Elas vão desde padrões sóbrios de vestir e falar, lugares a não serem freqüentados, até aspectos de planejamento familiar. Um material didático utilizado em encontros dominicais para o estudo de ensinamentos bíblicos⁴¹ revela alguns pontos da doutrina que vem sendo adotada pelos assembleianos. Incluindo-se o que chamam de vícios morais, além dos jogos, alcoolismo, o fumo e as drogas, todos eles são considerados atos pecaminosos que não devem fazer parte da vida de um cristão:

Os vícios, inclusive os morais, destroem vidas e famílias. Eles também prejudicam lares cristãos. Na época em que vivemos, há uma onda de liberalismo que não vê pecado em quase nada, e favorece práticas perigosas, que podem levar à destruição espiritual, disfarçadas de “coisas que não têm nada a ver. O verdadeiro cristão não se deixa levar por essa degeneração do mundo. O crente precisa saber que tais coisas vêm do mundo. O crente precisa saber que tais coisas vêm do Príncipe deste mundo – o Diabo.”⁴²;

O cristão não deve tomar vinho, cerveja, champanhe ou qualquer bebida, considerada leve, tendo em vista os males físicos, sociais, morais e espirituais que envolvem tal prática. Lembremo-nos de que “o Reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo (Rm 14.17).”⁴³;

O vício é pecado, e fumar é um vício. Logo, o fumante não tem como escapar: está pecando.⁴⁴;

1. Agentes do diabo. As drogas são agentes utilizados pelo Diabo para a destruição de vidas, principalmente de adolescentes e jovens.⁴⁵;

O cristão não deve recorrer a meios ou práticas ilícitas para ganhar dinheiro, como o jogo, o bingo, a rifa, loterias, e outras formas ‘fáceis’ de buscar riquezas.⁴⁶

Encontramos também referências sobre o aspecto das finanças do crente. Este deve fazer um uso sensato do seu dinheiro, que deverá ser adquirido através de trabalho honesto:

O dinheiro pode ser bênção ou maldição, dependendo do uso que dele fazemos. Se o fizermos de modo judicioso e para glória de deus e expansão do seu reino, com gratidão pelos bens adquiridos, seremos recompensados pelo Senhor. (...) II. Como devemos ganhar o ‘nosso’ dinheiro? 1. Com trabalho honesto.⁴⁷

Questões sobre divórcio, pena de morte, ética “humana”, suicídio, aborto, guerra, política, entre outros, são também discutidas.

O que está sempre em pauta nesses interditos é o bom exemplo (segundo uma ética bíblica) que o assembleiano deve demonstrar para o mundo como sinal da transformação de vida que ganha o convertido: “ O cristão, como sal da terra e luz do mundo, não só deve ser diferente, mas seu comportamento como cristão deve ser um referencial para a sociedade.”⁴⁸

Sobre esse aspecto do comportamento que um assembleiano, como cristão, deve adotar, acrescenta Machado:

No caso específico da ética pentecostal, a ênfase na sobriedade dos trajes e a severa restrição às relações extraconjugais, aos vícios e até à participação nas chamadas festas profanas faz com que a adesão à comunidade religiosa transcenda o nível da experiência religiosa. Afinal, o converso passa ‘a agir de forma coerente com sua religião na qual busca constante orientação de conduta’, provocando uma redefinição dos seus papéis ...⁴⁹

Observados os interditos e prescrições do corpus doutrinário da AD, é importante nos perguntarmos sobre a adesão literal à todas as alternativas de uma conduta diferenciada por parte dos fiéis.

A AD de 1911 (ano de sua fundação), em comparação com a AD atual, não é mais a mesma. A complexidade crescente da sociedade influenciou em mudanças também no campo religioso. Mas, além dessas alterações em uma escala temporal maior, outras transformações ocorrem o tempo todo nos jogos de significação que acontecem na forma como os preceitos doutrinários ganham legitimidade entre as pessoas que fazem parte da AD. O movimento de fabricar um corpo de regras, e este ser praticado na íntegra pelos indivíduos que o recebem, passa por outros caminhos que produzem efeitos de sentido que não os pensados pelo objetivo original. Esses caminhos são traçados pelos consumidores desses símbolos religiosos de identificação assembleiana, que é o nosso objeto. Certeau, falando sobre a originalidade que está por trás das criações que estão para além das normas estabelecidas, coloca que o sujeito pode fabricar significados que deslocam-se dos sentidos pré-determinados, esboçando interesses e desejos diferentes⁵⁰. Na AD isso não é diferente. São detectados pormenores numa “arte de fazer” implicitamente carregada de “táticas” sutis que remetem a diferentes maneiras de vivenciar a doutrina.⁵¹

Para além das nuances e táticas cotidianas, o discurso assembleiano se mostra monolítico, apelando sempre para uma verdade que se quer sem história, independente do tempo e espaço, fora do qual reina o tenebroso mundo, com sua ação conspiratória

Notas

¹ DERRIDA, Jacques. Fé e saber. As duas fontes da religião nos limites da simples razão. In: A Religião. São Paulo: Estação Liberdade, 2000. pp. 11-90. p. 15

² Na nomenclatura AD, seguimos o exemplo do seguinte autor: FRESTON, Paul. Uma breve História do Pentecostalismo brasileiro: A Assembléia de Deus. In: Religião e Sociedade, 16(3): 104-129, 1994. p. 113.

³ BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1986.

⁴ Bourdieu define o poder simbólico como uma força estruturante (mas também estruturada), irreconhecível, que constrói a realidade tentando estabelecer sentidos que precisam ser reconhecidos como naturais: “ O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a acção sobre o mundo [...], só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário.” BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand BrAIL, 2001. p. 14.

⁵ BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1986. p.57.

- 6 SANCHIS, Pierre. O campo religioso será ainda hoje o campo das religiões? In: História da Igreja na América Latina e no Caribe. 1945-1995. O debate metodológico. Petrópolis: Vozes, 1995.
- 7 Sanchis descreve o termo “bricolagem” como uma forma de escolhas e combinações variadas que os indivíduos efetuam no mercado religioso de acordo com o que melhor lhes convier: “É a partir deste indivíduo, e em torno dele – de suas necessidades, de suas aspirações, de suas experiências – e não mais em torno e na esteira das instituições religiosas ...” SANCHIS, Pierre. Op. cit. p. 88,89
- 8 A revista intitula-se Defesa da Fé, publicada pelo Instituto Cristão de Pesquisas (I.C.P.), de São Paulo. Nas páginas da revista observamos uma identificação: Revista Brasileira de Apologética Cristã / Publicação Interdenominacional do ICP. Fazem parte do grupo igrejas como a Batista, Assembléia de Deus (Ministério Belém), Comunidade Cristão de Jundiá, Presbiteriana do Brasil, Quadrangular.
- 9 SANCHIS, Pierre. O repto pentecostal a cultura católico – brasileira. In: Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do Pentecostalismo. 2ed. , Petrópolis: Vozes, 1996. p.47
- 10 MARIZ, Cecília. Alcoolismo, Gênero e Pentecostalismo. Religião e Sociedade. ISER, nº16, pp. 80-92, 1994.
- ROLIM, Francisco Cartaxo. Pentecostalismo no Brasil e América Latina. In: A Libertação na História, série VI, v. 6, Petrópolis: Vozes, 1995. (Coleção Teologia e Libertação)
- CESAR, Waldo. Sobrevivência e Transcendência: Vida Cotidiana e Religiosidade no Pentecostalismo. Religião e Sociedade. ISER, nº 16, pp. 46-59, 1992.
- NOVAES, Regina Neves. Os escolhidos de Deus: pentecostais, trabalhadores e cidadania. São Paulo: Marco Zero, 1985. (Cadernos do ISER, n.19)
- 11 ROLIM, Francisco Cartaxo. Op. cit., p. 81.
- 12 NOVAES, Regina. Op. cit., p.68.
- 13 A palavra “mundo” , para os assembleianos, refere-se a um espaço teológico. O que não está de acordo com os preceitos bíblicos que a IEAD segue, faz parte do "mundo", ou seja, refere-se ao espaço de não aceitação das leis divinas. O assembleiano vive no mundo tal qual o reconhecemos geograficamente e culturalmente, mas não faz parte dele por diferenciar-se nas qualidades morais e "espirituais".
- 14 FERNANDE, Rubem César. Governo das almas. As denominações evangélicas no Grande rio. In: As denominações evangélicas no Grande rio. In: Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do Pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1996. pp.160 – 203. p. 173.
- 15 MARIZ, Cecília. Op. cit., p 84.
- 16 MIRANDA, Júlia. Carisma, Sociedade e Política. Novas linguagens do religioso e do político. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999. p.88.
- 17 BRONISLAW, Baczko. Imaginação social. In Enciclopédia EINAUDI, vol. 1 (Memória- História). Lisboa: Imprensa nacional e Casa da Moeda, 1984, pp. 308-314.
- 18 ORLANDI, Eni Pulcineli. A Linguagem e seu Funcionamento. As formas de discurso. Campinas: Pontes, 1987.
- 19 Idem, p. 16.
- 20 Idem, p. 240.
- 21 COSTA, Jeferson Magno. Porque deus condena o Espiritismo. Rio de Janeiro: CPAD, 1987.
- GEISLER, Normam L.; RHODES, Ron. Resposta às Seitas. Rio de Janeiro: CPAD, 1987.
- OLIVEIRA, Raimundo F. de. Seitas e Heresias: um sinal dos tempos. Rio de Janeiro: CPAD, 1988.
- RINALDI, Natanael; ROMEIRO, Paulo. Desmascarando as Seitas. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.
- 22 Resposta Fiel (CPAD) e Defesa da Fé. Op., cit.
- 23 OLIVEIRA, Raimundo F. de. Op. cit., p.09.
- 24 Idem, pp.10,11.
- 25 COSTA, Jeferson Magno. Op. cit. p. 63.
- 26 DUBOIS, Claude-Gilbert. O imaginário da Renascença. Brasília: UnB, 1995, p.12.
- 27 RODEGHERO, Carla Simone. O diabo é vermelho. Imaginário anticomunista e Igreja Católica no rio Grande do Sul (1945-1964). Passo Fundo: EDIPUF, 1988. p.30.

- 28 No livro mais atual sobre o assunto seitas, não é encontrada referência à Igreja Católica.
- 29 Revista Defesa da Fé. Op.cit.
- 30 Idem, p.07
- 31 Revista Defesa da Fé. Edição especial 2000 (todos os exemplares do ano em um único volume), p.184.
- 32 MACHADO, Maria das Dores Campos. Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar. Campinas: ANPOCS, 1996. p. 82.
- 33 Revista Defesa da Fé. Op.cit., p.186.
- 34 TEVES, Nilda. O imaginário na configuração da realidade social. In: Imaginário Social e Educação. Rio de Janeiro: Gryphus: Faculdade de Educação da UFRJ, 1992. pp.03-33. p.29.
- 35 BACZKO, Bronislaw. Op. cit., p.17
- 36 SOUZA, Etiane Caloy B. de. A demonização do cotidiano pela Igreja Universal do Reino de Deus. História: Questões e Debates. nº33, Curitiba: Editora UFPR, pp. 123-141, 2000. p. 131.
- 37 Idem, p.29
- 38 [...] o pecado é uma realidade presente no mundo que 'jaz no maligno'. Manual de Doutrinas da AD. Rio de Janeiro: CPAD, 2000. p. 29.
- 39 SANCHIS, Pierre. Op., cit. p. 57
- 40 MARIZ, Cecília Loreto. Libertação e Ética: uma análise do discurso de pentecostais que se recuperaram do alcoolismo. In: Nem anjos, nem demônios: Interpretações sociológicas do Pentecostalismo. 2ed., Petrópolis: Vozes, 1996. pp. 204-224. p. 205.
- 41 RENOVATO, Edinaldo. Lições Bíblicas (jovens e adultos). Terceiro trimestre, Rio de Janeiro: CPAD, 2002. pp. 01-64.
- 42 Idem, p. 56
- 43 Idem, p.57
- 44 Idem, p.58
- 45 Idem.
- 46 Idem, p. 52
- 47 Idem, p.51
- 48 Idem, p. 03
- 49 MACHADO, Maria das Dores Campos. Carismáticos e Pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar. Campinas, SP: Autores Associados; São Paulo: ANPOCS, 1996. p. 28
- 50 CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. 2ed.,Petrópolis, RJ:Vozes, 1994. p. 97
- 51 Um exemplo pode ser observado no sentido da palavra vaidade para as mulheres assembleianas. A hierarquia da igreja postula um padrão discreto no ato de se vestir, com restrições à comprimentos, transparências e decotes. No entanto, se observarmos principalmente as igrejas onde os fiéis têm uma situação financeira mais estável, as mulheres, apesar da discrição nas restrições já citadas, vestem-se com um cuidado admirável no que diz respeito à qualidade estética das peças utilizadas. Não falamos aqui de uma visão geral. As igrejas da AD têm sempre um ponto ou outro que as diferenciam de acordo com a situação econômica e social do grupo, dependendo também do corpo de obreiros que as dirigem. Para saber mais sobre os agravantes da ascensão social e a questão da crise dos costumes assembleianos vide FRESTON, Paul. Op.cit., pp.120-124.